

Adelino Torres

Ironias



2007

IRONIAS

I

Ideias

Há ideias que matam homens
e homens que matam ideias.
O mistério derradeiro
é saber
quem neste confronto
morre primeiro.

No meio dessa tragédia
perderam-se as coisas belas:
são muitos a matar ideias
mas já faleceram todos
que estão ao serviço delas...

II

Ilusão prosaica

Se cada um de nós soubesse
o dia do funeral
previamente marcado
pelo destino fatal
ou outra qualquer má sorte,
cem mil vezes seria
à tortura submetido
e outras mil morreria
depois de condenado à morte.

A ignorância é, neste caso,
autêntica felicidade
sobretudo quando dura
a ilusão prosaica e tonta
de vã imortalidade.

mas os sábios não desistem
com muito afinco e destreza
de mandar mais do que Deus,
como se não lhes bastasse já
enganar a natureza!

Alguns proclamam mesmo
com óbvio descaramento
que a ciência é certa
que a verdade já tem dono
e que o resto é fingimento.

Lá no fundo, bem no fundo
desse juízo atrevido,
todos eles apenas esperam
que Deus esteja distraído...

III

Postal souvenir

Para o Alfredo Margarido

Era nos anos sessenta
quando Paris vivia por interposto Maio
num Carnaval de fantasia e retórica
que a imaginação em delírio
chamava com orgulho: “*etapa histórica*”.

“*Etapa*” foi certamente
“*histórica*” não sei dizer,
mas entre a austera sisudez
dos donos do saber
e a ligeireza romântica da ilusão,
se alguma coisa ficou para reter
muita mais se perdeu sem remissão.

Lembro-me do António José Saraiva
certa tarde hirsuto e façanhudo
no café do Luxemburgo
sobre Nietzsche a dissertar
empunhando o verbo alto e colorido
para desancar
não sei que ideologia insana,
enquanto o Alfredo Margarido
irado com os deuses
e com os exilados portugueses
matava, implacável, um a um
os piolhos da estupidez humana.

À volta, cabisbaixos e em silêncio
quase em oração
os arautos da revolução esperada,
indómitos pensadores
da filosofia da pedra lascada,
cogitavam em séria aflição
para encontrar átomos de coerência
ao menos profilática
entre os voos aprumados da teoria
e o mísero rastejar da prática...

IV

Progresso

Viva o futebol, diz o primeiro
viva o futebol, diz o segundo
viva o futebol , diz o terceiro
viva o meu clube, arremata o mundo

Assim falam com inexcedível brio
subida imaginação
e pensamento profundo
os tais
oitenta e tal por cento da nação,
ou mais,
a qual se diz por aí ter dado
novos mundos ao mundo
em tempos que já lá vão.

Num tom angelical
tais adeptos proclamam piamente
brandos costumes
nobres sentimentos democratas
et caetera e tal,
porém com uma excepção
mais do que justa:
o dever de esmagar como baratas
quem se atreva a pôr em causa
(é claro sem sombra de razão)
excelsos atributos
do bem amado clube
filho dilecto de beatas
em estado de menopausa
que, oh milagre!, dão frutos...

Eu mato pai e mãe se for preciso
estou seja quem for,
dizem com ardor
e carradas de razão
aqueles devotos
à mesa do café,
acrescentando até
com legítima emoção:
se alguém não concordar
esborracho-o com o pé.

Sou democrata mais que tolerante
afirmam todos com imaculada fé
e místico fervor,
mas se algum estupor
mais reles que animal
insultar o meu clube
e duvidar
que ele incarna
a luta pura e dura
do bem contra o mal,
chamo-lhe cavalgada
aberração
aborto natural
insulto-lhe a mãezinha
dou-lhe um tiro
na carapinha,
abato-o como um cão
espeto-o tal e qual S. Jorge
fez ao dragão!

Chegado ao fim deste fiel relato,
salvo erro e omissão
o resultado é chato.

De facto, na aparência
diz-se, pelo menos às mesas dos cafés,
que Portugal vai prosseguindo
destino de excelência
cavalgando de glória em glória
na senda do progresso.

Mas vistas as coisas
um pouco mais de perto,
deste processo
talvez seja mais certo
tirar também uma ilação cruel:

dos restos daquela História
que nos sobrou do passado
só ficaram escória
detritos e vomitado...

V

Ingratidão

Não sei de que se queixam
os queixinhas lusitanos
que só sabem refilar
constantemente
caluniando os ministros
que não servindo, se servem,
afirmam eles cruelmente.

Insultam os burocratas
que se matam ao trabalho
com virtude e devoção
à luz cansada das velas
para arranjar mais papéis
selos e carimbadelas
só para bem da nação.

Malandros de pouco siso
protestam que ganham mal
com salários de miséria
que por essa Europa fora
só suscitam pena e riso.

Mas esquecem, os ingratos,
que no seu descanso eterno
entrarão no Paraíso
enquanto os ricos vão
direitinhos p'ro inferno.

Tal vantagem não convence
nestes tempos infiéis
as mentes endurecidas
dos pelintras lusitanos
malvados e piquinhas

cheinhos de ingratidão
por desvelados governos
abnegados ministros
políticos que se matam
por uma côdea de pão
de tão mal pagos são...

Em vez de santificar
justiça e burocracia
que ao mundo estarecido
mostram coragem sem par,

acusam-nas de proteger
sem vergonha nem pudor
a velha pedofilia
o que é um grande horror
uma tremenda injustiça,
inútil será dizer.

Por isso o país anda
à deriva sem destino
quando os ingratos não querem,
só para dar um exemplo
desse grande desatino,
abrir os cordões à bolsa
para mais um submarino,
que destemido iria
afirmar nos sete mares
a nossa soberania

revelando desse modo
um espírito mui mesquinho
uma mente tão atroz
que mais vale pedir à Espanha
pra tomar conta de nós...

(2004)

VI

Uivemos, disse o cão surrealista

Uivemos, disse o cão
bem lusitano
e alçou a pata
em ângulo impecavelmente recto
como nunca antes tinha sido visto
tal era o rigor cartesiano
dessa coisa transcendente.

Perante exemplo tão original
que espantou a gente
saíram os vizinhos para a rua
de norte a sul do continente
para uivar à lua
em todo o Portugal....

Um imenso clamor subiu até ao céu
nos campos, nas aldeias, nas cidades
e o país inteiro ergueu-se como um só homem
para uivar em louvor do cão.

O animal foi então condecorado
por ter dado um impulso grandioso
à estética de alçar a pata
com a precisão científica e o talento
de uma bandeira ao vento,
tudo isso acompanhado
do uivo mais famoso
que jamais fora escutado
em terras lusitanas,
o que deixou o bicho
(que era mui modesto)
de tal modo admirado
por coisas tão insanas

que agradecido abanou a cauda com ardor
mil duzentas e cinquenta vezes
enquanto percorria Portugal
de lés a lés em farta exibição
na viagem triunfal
da sua consagração.

E tão comovido
ficou o pobre cão
que na cerimónia da medalha
morreu de comoção
antes de poder alçar de novo a perna
num rigoroso ângulo recto
do mais puro rigor cartesiano
provando que se não era de Descartes neto
era, melhor ainda, lusitano...

Por isso o nobre animal
mereceu as honras
de um grandioso
enterro nacional...

Ficou assim provado
senão pela ciência
ao menos por instinto vago
que somos todos irmãos
do cão do Saramago...

VII

Aleluia!

O famoso político ganhou as eleições

Aleluia!

Beijou abnegadamente com afã
duas mil e quinhentas
criancinhas com ranho
có-có nas fraldas e vomitado
todos os dias de manhã
até à noite, estoicamente
sem nunca tomar banho.

Passou a pente fino
bichas inteiras
de peixeiras com bigode
vendedoras de hortaliça
floristas brejeiras
que extremosas prazenteiras
o apertaram
nos seus braços de ferro forjado
e o lambuzaram por todo o lado,

apalpou discretamente
com sacrifício
por dever de ofício
gays do Bairro Alto
e costureirinhas da Sé,
abraçando com visível emoção
e fraterna solidariedade
todos os chulos do Cais do Sodré.

Gritou, gesticulou, babou-se a eito
em longos discursos bem sentidos
embora sempre repetidos
de que as TV proclamaram
a fantástica originalidade
digna de Orfeu,

até que chegou finalmente ao Parlamento,
ninguém se lembra já
se nacional se europeu,
o que de qualquer modo
dá sempre imenso jeito
para fazer discursos mais e mais
resolvendo enfim o dilema transcendente
a verdade crua e nua
cuja dúvida martiriza o povo:
saber quem nasceu primeiro
se a galinha se o ovo,

ao mesmo tempo que põe
nos píncaros da lua
excelsas maravilhas ultraliberais
do cada um por si e o resto ao molhe

dessa espantosa novidade
que é o Homem Novo.

Moral da história:
vale a pena sacrificar-se
pelo povo.

Aleluia!

(2004)

VIII

Direito à preguiça

Em tempos que já lá vão
quando os animais falavam
trabalhava-se para organizar o mundo,
mas hoje a paranóia consiste
em organizar o mundo para trabalhar.

Traiu-se uma lei honesta e necessária
à harmonia entre o homem e a terra.

Agora cheira tudo a carcaça
no espeto de um velho talho:
matou-se o direito à preguiça
e empunhou-se o estandarte masoquista
do direito ao trabalho...

IX

Carreira

O novo ministro caracoleia
à janela da televisão
que é onde se faz carreira
e não a esfolar sem critério
enterrado no ministério,
o que dá um trabalhão,
hábito antiquado e
falsamente sério
que já não está na moda
nem sequer é patriota
porque não há quem queira
praticar tal despautério.

Diz o jovem político coisas sábias
e outras tantas pias
para agradar em Cascais às tias
em discursos comme il faut
sobre justiça, igualdade,
fraterna solidariedade
e, sem quartel, com certeza
a luta contra a pobreza,

tudo isto apimentado
com sentimento na voz
braços abertos clamando
pelos nossos egrégios avós

e o hino da Portuguesa
como música de fundo
em sinal muito profundo
de autêntica singeleza.

Vai daí é logo eleito
pelo povo embevecido
que gosta imenso de o ver
a bater forte no peito.

O povo constata depois
quando já não tem remédio
que não houve nenhum jeito
ter feito a asneira de pôr
o carro à frente dos bois

elegendo aquele talento
sem se lembrar primeiro
que a pose não vale nada
e palavras leva-as o vento...

(2004)

X

Prosperidade geral

*Em memória
do Armando Antunes de Castro
pelas “ironias”
que tantos anos partilhámos juntos*

Uma alcateia de ministros empertigados
invadiu a aldeia de promessas.

O entusiasmo foi tanto
que os dentes cresceram
aos velhos desdentados

a égua foi coberta pelo bode
os bebés tiveram logo barba
as ceifeiras perderam o bigode

a vaca mugiu uma canção de Madona
e para a ouvir encantados
os peixes vieram à tona

enquanto os pássaros entravam pela janela
directamente para a panela
num voluntário e digno sacrifício
à prosperidade geral.

É assim a vida
no país das maravilhas
do reino de Portugal...

(2004)

XI

Poluidores

Era uma vez um ministro
que tinha um cão.

Era uma vez um cão
que tinha um ministro.

Ambos criavam detritos
e outras chatices mais.
O cão fazia-os no chão,
o ministro só nas leis
circulares e papeladas
com selos ministeriais.

Mas tudo vai dar ao mesmo
com resultados cruéis
para o pobre cidadão:
tem a caca nos sapatos
e a caca dos papéis...

XII

Opereta

Eram pai e mãe
e uns quantos filhos gulosos
cheios de brilho e fulgor
cada um com seu partido
cada qual com sua cor,
que a vida custa a ganhar,
é preciso estar atento
porque é bom sempre saber
para que lado sopra o vento.

O paizinho foi pra esquerda
a mãezinha pra direita
entre os filhos há de tudo
desde o esperto sempre à espreita
ao sonso que faz de mudo,
desde o feroz Torquemada
ao molengas mais astuto
que finge não fazer nada.

Quando algum vai pro poleiro
duma benesse qualquer
neste Estado benfeitor,
tudo come minha gente
com apetite e ardor

porque todos estão unidos
na mais sagrada irmandade
seja qual for a missão,
seita chalada ou partido
da ordem ou da desordem
(para o efeito tanto faz)

o que importa é estar na frente
ser feroz e bem voraz
seja em nome do que for,
tachos, poder ou tostões,
ninguém passa a perna à malta
e perder, nem a feijões...

Vem o pai, fala de tudo.
Vem a mãe, fala de nada.
Sem medo de repetir
os filhos tecem discursos
que lhe passam pela bolha
sobre a pátria bem amada:
da extrema esquerda à direita
da monarquia estafada
à República zarolha
da pureza racial
ao faducho nacional
tudo é bom pra estes jovens
de têmpera aventureira
servirem a nossa pátria
e, é claro, a carreira
que tantos proventos dá
num país de brincadeira
pois não há pátria sem homens
como os que andam por cá.

Nação que corre num rio
com enxurrada de leis
qual delas com mais dureza
que só apertam os calos
do Zéquinha plebeu
um desgraçado escolhido
pela fatal natureza
que o destino lhe ofereceu.

Felizmente as leis malvadas
que provocam tanta dor
não se aplicam aos casos
de tão ilustres famílias
citadas nesta opereta
que submeto ao leitor.

Aqui as leis são benignas
ou vão gelar pra gaveta
até vir a amnistia
poupando contas sem conta
com o rigor fiscal da treta.
Nesse santíssimo dia
os fiscais endurecidos
adoecem com azia
ou viram amigos porreiros
dos falsos contribuintes
e todos juntos entoam
a música das Valquírias
com letra do Quim Barreiros.

Manda a verdade dizer
quanto às leis para este mundo
de gente tão bem fadada
a quem o fisco não toca,
que a história está mal contada.

A verdade, verdadinha,
deve enfim ser revelada
com a mais pura franqueza.
A origem da riqueza
não tem mistério nenhum:
cai direitinha do céu
se se rezar com fervor
uma sentida novena
e um Padre Nosso ao Senhor

Como pode outra justiça
simples mortal e terrena
de tributação viperina
contrariar esta última
que é e só pode ser
de autêntica origem divina?

Não o podendo fazer
como é mais do que evidente,
limita-se a cobrir tudo
com música celestial
ornando pudico véu
e assumindo a pose casta
de se pôr de rabo ao léu,,,

Vindo a riqueza nos genes
tal e qual o sangue azul
manda dizer a decência
que ninguém pode alterar
a obra da Providência.

O paizinho e a mãezinha
mais os filhos já referidos
da tão louvada família
fazem parte daquele mundo
(atenção é importante!)
que não é um “*mundo cão*”

porque empregar tal expressão
era ofender sem motivo
aquele nobre animal
que merece, estejam certos,
muito mais consideração...

(2004)

XIII

Cantiga

Diz o adágio do povo
erradamente, acho eu,
que mais depressa se apanha
um mentiroso do que um coxo.

Ó lá-lá ó lá-lá
ó lari-lá-lá

Tal ditado é das tais tretas
que no sentido moderno
não servem para ninguém

A olho nu todos vêem
que há ministros pernetas
mas ninguém percebe logo
que navegam em jangadas
e não em naus Catrinetas.

Ó lá-lá ó lá-lá
ó lari-lá-lá

Neste país de muletas
bem mais valeria ter
um bom par de lunetas
para ver o que se passa
a dois palmos do nariz...

Ó lá-lá ó lá-lá
ó lari-lá-lá

Disto retiro a lição
que querer caçar mentirosos
tem a mesma utilidade
do que prender proxenetas
só p´ra lhes dar um sermão

sobretudo num país
desenhado em linha recta
em que os ministros não mentem
e dizem sempre a verdade
tal e qual o Borda d´Água
ou uma santa irmandade.

Ó lá-lá ó lá-lá
ó lari-lá-lá

Tentar apanhar mentiras
à fidalguia de luxo
é impossível tarefa
e inglória ilusão
por não existir tal coisa
entre seres tão devotos
pela causa da nação.

E quando são despedidos
ou, diz o vulgo, corridos,
nunca por incompetência,
(já se vê, é evidência)
aceitam, com dor, ir parar
ao horrível purgatório
da fofa Administração
onde vivem de joelhos
e santa resignação

em empresas que antigamente
foram por si tuteladas
no tempo em que eram gente.
Agora vivem das rendas

de cujo merecimento
só os maus duvidarão,
com fatos de caxemira
e pantufas de algodão.

Ó lá-lá ó lá-lá
ó lari-lá-lá

E lá vamos cantando e rindo
levados, levados sim,
que o progresso é para amanhã
e a pátria é um jardim
feito de engenho e afã..

O que é preciso é que esteja
cada macaco no seu galho.
Que se lixe o revirinho
Que só sabe protestar
e mais outros pobretanas
que não querem trabalhar!

Ó lá-lá ó lá-lá
ó lari-lá-lá

(2004)

XIV

Brandos costumes

Marido que mata mulher
e a corta aos bocadinhos
é cena mais que banal
mostrando os brandos costumes
deste nosso Portugal
cuja raiz vigorosa
é toda feita de “inhos”.

O pior está pr´a vir
quando as mulheres chateadas
gritarem todas “às armas!”
aprenderem karaté
e lhes derem tais porradas
com cacetadas de paus
que os põem a mijar
chá de tília e água-pé

ou os pescoços torcerem
a cento e oitenta graus
de tais valentes de feira
de modo a darem-lhes cabo
desse aspecto prazenteiro
quando olham pr´a barriga,
e vêm só o trazeiro.

Nesse dia, aqui d´El Rei
grita o povo emocionado,
foram-se os brandos costumes
voltou-se ao estado selvagem
do mundo incivilizado.

Quando tal dia chegar
já não há moralidade,
a tradição está perdida

só restando essa saudade
do tempo da boa vida
puro, sereno e mais que são
em que o macho lusitano
brandos costumes brandia
no uso dos seus direitos
pr'ó prestígio da nação...

XV

O regresso de Drácula no *barco do aborto*

Em certo país perdido
num canto do mapa-mundo
há um ministro do mar
moralista e furibundo
que manda em todos os peixes
do tubarão à sardinha
e dizem que também manda
num barco ou dois da marinha.

Mas esta triste história
sem grandeza nem glória
não acaba neste ponto
já de si de meter dó.
Lá diz o velho ditado
que um azar nunca vem só:
vai daí que cá chegou
de sangue todo pintado
cheio de pecado e mácula
um barco de feiticeiras
comandado pelo Drácula
que tentou de mil maneiras
atacar a alma pátria.

Logo o ministro mandou
fazer frente ao invasor
com esforço e mui fervor
apontando os seu canhões
ao tal barco do aborto
se o caso desse p' ro torto.

Hélas! a heróica marinha
ao cumprir ordens, levou
tal saraivada de fetos
que logo ali naufragou.

Nesta história bem pungente
onde a grandeza não falta,
falta o ministro valente
qu'ainda não teve alta
do hospício onde reside
com estatuto permanente...

(2004)

XVI

As moscas

Quando o ditador das moscas
só tinha aficcionados e admiradores
o reino era um oásis bucólico
de pasmaceira e flores.

Nesse tempo
as vacas pastavam em sossego
devolvendo à natureza o que sobrava
e as moscas comiam tudo o que ficava
com molho de tripas e legumes
em largas pratadas
de brandos costumes,

nos cemitérios os defuntos escutavam enlevados
por mais não terem que fazer
o chilrear da passarada
e o balir dos borregos
pensando neles em guisado
com batatinhas no forno
e um tinto de Alentejo pra beber
ao som do fado esganiçado,

enquanto se apinhavam em torno
os pobrezinhos respeitosos,
daqueles que sabiam pôr-se no seu lugar
no tempo em que o respeito era bonito,

dado quase não haver
contestatários ingratos
pra cuspir dentro da sopa
e, oh horror!, a festa interromper
por felizmente estarem todos mortos
ou por nascer.

Depois o ditador, que para surpresa geral
afinal era mortal,
hélas!, morreu,
desenlace que decorreu do facto prosaico de estar vivo,
não tendo deixado descendência
por nunca, diz-se, ter usado
o aparelho recreativo.

O aprendiz de feiticeiro
que a seguir lhe sucedeu
foi também por desgraça destronado
e desgostoso fez-se ao mar
num carro blindado.

As moscas fugiram espavoridas
ou foram substituídas
por outros insectos que tais
por répteis
por chacais
e por muita lesma.

É por isso que hoje, louvado seja deus,
a caca continua a mesma...

(2004)

XVII

Direito e avesso

Já não sei onde estou
nem mesmo quem fui ou sou
perdidas as ambições
que outrora, há muitos séculos, almejava,
em cavalgadas juvenis
onde havia amarras a soltar
castelos que era obrigatório libertar
princesas sequestradas
que, sabe-se lá porquê,
mereciam ser resgatadas,
monstros que não me fizeram mal nenhum
mas que queria por força derrotar
nem que fosse à dentada
e outros feitos heróicos
nesse campo de batalha
do quarto em que dormia
onde aventuras vivi
a esgrimir com a sombra
mergulhando espelho adentro
onde estava a cavalaria
do Emílio Salgari
que entrava à vez
com os quatro mosqueteiros
que afinal não eram três
como logo vi
(mas o Dumas pai
não sabia fazer contas pelos dedos)
e davam a volta ao mundo
se bem me lembro em oitenta dias,
ou em meses?

Por causa da idade
já não estou muito seguro
cá no fundo...

O tempo foi passando sorrateiramente
enquanto estava distraído
e hoje só vejo surpreendido
castelos em demolição
vendidos ao desbarato
a gentlemen de cartola,
monstros reciclados
na política e na bola,
princesas que já não dançam valsas
como antigamente
trazem jóias falsas
passeiam nas mundanas passarelas
em pose semi-nua
com a graça de cavalos de tracção
à frente da charrua.

É um mundo ao avesso
onde o coelho de Alice
saca homens do chapéu

onde as crianças são velhas
e os velhos não morrem nunca
salvo no terceiro mundo
que é para aprenderem
a não fazer escarcéu
(quem os manda nascer lá
em vez do lado de cá?)

Rica vida abençoada
pela ordem natural
(os ricos enriquecem
e os pobres empobrecem)
cientificamente provada
pela lei de Darwin
e pela justiça divina,

pois isso só acontece
porque uns trabalham muito
e os outros não fazem nada
como toda a gente sabe...

Hoje em dia não há sonhos
nem castelos encantados
e os velhos ideólogos
tanto os ateus como os crentes
estão todos embalsamados.

Os benfeitores da humanidade
são agora os financeiros
impolutos cavaleiros
e outros génios iguais
de pés assentes na terra
e coração instalado
nos paraísos fiscais.

A moral a tirar disto
é singela e elevada:
o dinheiro vale tudo
e tudo não vale nada...

XVIII

Vocação

Seu burro! nunca mais
passarás da cepa torta!
ou vais cavar para a horta
ou domesticar animais!

Não senhor, senhor doutor,
vou seguir p'ra professor...

XIX

A mulher

(cantiga popular)

A mulher é o futuro do homem
disse Aragon inspirado.
Porém pecou por defeito
quando esqueceu o passado
e o presente também,
pois sem mulher não iria
nem longe nem mais além
do que o estado primitivo
da pura selvajaria
bem pior do que a que tem...

XX

Enganos

(cantiga popular)

Repensar é coisa fina
que dá trabalho de mais
em tempo de eleição.
É preferível ler a sina
ou nos astros os sinais
do que ouvir novas promessas
com a mão no coração
e o voto a pedinchar.

Entre as mentiras da gatinha
e as traições da gentalha
não há muito que enganar:
uma é a face mesquinha
a outra a face canalha

que se juntaram à esquina
a tocar a concertina
e a dançar o sol-e-dó
mas a canção desafina
o país perde a cabeça
e a polícia desatina:
vai tudo pró xelindró.

Isto passou-se, tá visto,
nos tempos já bem distantes
em que os animais falavam
e liam livros que tratavam
de coisas mais importantes.

XXI

Receita infalível para a solução da crise

Os matemáticos enfeitam a pobreza com equações sábias
os economistas fingem que acreditam nelas
os políticos fazem com enlevo bonecos de papel
para nos bairros populares do reino das palavras
os oferecer aos pobrezinhos a granel
os banqueiros interrogam-se
com a legítima curiosidade de conhecer um pobre
as organizações internacionais gesticulam
com alarido e locuções estranhas
em torres de babel
os padres acreditam que a fé move montanhas
e oram para que passe a crise enfim
até que, aproveitando a distração dos governos,
um belo dia Nosso Senhor disser que sim.

Mas esses remédios sem dúvida infalíveis
levam o seu tempo a ter algum efeito
quando a via está, há muito, descoberta
por um tal Swift que resolveu tudo
tanto a miséria ao léu como encoberta
numa teoria que se fosse aplicada
acabaria num ápice com fome e crise social
para estabelecer até ao fim dos tempos
justiça sã e prosperidade geral.

A solução é simples e das mais primárias.
Bastaria para isso matar os pobres todos
e comê-los em seguida com artes culinárias
pois se há quinhentas e tal maneiras
de cozinhar neste país o bacalhau
haverá outras tantas ou ainda mais

para confeccionar maminhas de peixeiras
com salsa e colorau
costeletas de pobre e coxas de porteira
lombo de sopeira à moda de Cascais
rabo de varina assado à maneira
rosbife de caixeiro viajante
funcionário cozido às postas com molho do Gerês
sal quanto baste e gosto memorável
(mas não *steak* de ministro
que é sempre intragável)
e um sem número de outras iguarias
próprias de um digno chefe português
que teriam a vantagem imensa
de equilibrar a oferta e a procura
e cortar despesas perdulárias na Segurança Social
com vadios que não querem trabalhar
só porque têm oitenta anos e tal
como se isso fosse uma razão!

Poupava-se assim em hospitais
remédios caros para quem não paga
gastos com doentes que fingem que lhes dói
a esticar o pernil e sempre aos ais
desempregados que só sabem dizer não
às dezasseis horas por dia
como a higiene aconselha e o dever comanda
a tanta ingratidão!

Quanto aos parasitas que exigem pensões chorudas
ao nível escandaloso do salário mínimo
e põem um ar trágico
aos impostos sempre alérgico
apenas por terem perdido um braço, uma perna
ou ficar um bocadinho paraplégico
num mais do que natural acidente de trabalho,
todos sabemos que mentem com quantos dentes têm
(os desdentados ainda são piores)
já que uns nasceram degenerados
e outros, mais velhacos, desatarraxaram o dito membro

e têm-no lá de casa escondido e bem guardado
para viverem à custa, sem pudor,
do orçamento de Estado.

Acrescentam ainda os nossos sensatos liberais
que se formos desse modo parcos no gastar
poupa-se na importações e tudo o mais
na balança comercial, nas finanças,
obriga-se os pobres a viver à luz das velas
o que chega e sobra
recompondo o orçamento duma vez
segundo as ordens de Bruxelas
e da Comissão Europeia, comandada
por um antigo chinês
primo afastado dum soba do Camboja
um tipo formidável
com grande pedalada
que usava tanga, cortava cabeças
mas não era, hélas!, reciclável
em política moderada...

Ao salgar, cozer, metendo a congelar
pelintras, tesos e outros salafrários
sem contar a malandragem da Quercus e da Greenpeace,
a solução genial que modestamente proponho
é a única que permite conciliar
o equilíbrio da economia e a baixa dos salários
o que só dá saúde ao mercado e que respeita
o milagre das rosas descoberto
pela concorrência perfeita.

Esta verdade irrefutável
está provada por axiomas de primeira água
demonstrados, é certo com alguma confusão
mas com fervor, por eruditos ilustres
que moram pendurados qual morcegos
à janela da televisão.

Instruídos por tão insignes mestres
sem ameaças nem tabefes
os pobres, sempre confiantes, não hesitarão
em ser eles próprios voluntários
e entregar-se às mãos dos magarefes
por amor da expansão económica portuguesa
e ter a patriótica felicidade
de salvar essa sobrenatural lei da natureza
que é o pacto de estabilidade.

E assim se chegaria ao fim da crise
alcançando o bem aventurado equilíbrio financeiro
em mares nunca dantes navegados
perante o espantado mundo inteiro
sem escusadas receitas extraordinárias
e outras fintas de qualidade insana
mas apenas utilizando o engenho pessoano
em criativas receitas culinárias
saídas direitinho da alma lusitana.

XXII

Discurso ao pós-modernismo

Disseram-me certa vez
num dos momentos propícios
a fanáticos verbosos
que têm a doce mania
de cuspir sobre o que mexe
(para mal dos pecados
da pobre Filosofia
de anão que nunca cresce)
que para ser pós-moderno
é necessário empatia
praticada com afinco
a toda a hora do dia
redondo como uma bola:
põe-te no lugar do outro
indivíduo malfadado
egoísta de uma figa
positivista sem tola
umbiguista impenitente
eurocentrista chalado
incapaz de alteridade
diziam os pensadores
com digna solenidade,
daqueles que comem alpista
num tom agreste e crispado
lá do alto empoleirados
no altar relativista
donde escrevem nos jornais
soltando risos de gozo
e uivos em vinagrete
de raposas e chacais.

E eu pus-me a viver num mundo
cheio dos outros sem nós
em que o eu desapareceu
e o nós é coisa morta
para dar lugar ao outro
o qual por sua vez
está também dentro de outro
e o outro de mais outro
e sempre assim de seguida
até chegar ao infinito
como *matrioscas* que encaixam
num movimento esquisito
em que eu já não sou eu
como era outrora a norma
mas qualquer coisa de mole
gelatinosa na forma
sem princípio nem fim
onde por caminhos tortos
vamos um atrás do outro
o eu em busca de mim
e o mim à procura dele
num jogo de cabra cega
a fugir do eu e nós
sem saber que se carrega
na barriga um albatroz
que lhe devora as entranhas
sem proveito pra ninguém
salvo a vaidade mesquinha
e as poses da saloiada
bem falante e comezinha
que é toda perfumada
arrastando a crina austera
e o instinto libertino
nos cafés de esplanada.

Pós-modernismo é assim:
nave de loucos à solta
na tempestade da moda
sem nada a que se agarrar
cor de burro quando foge
flatulência sem par...

XXIII

Probabilidades de sobrevivência

Depois de um inquérito estatístico à nação
altamente informatizado
e com rigor científico de ponta
por sumidades que pululam
por aí sem conta
descobriu-se a espantosa novidade
comprovada matematicamente
que Deus existe com toda a probabilidade
a quarenta por cento de certeza
mais vírgula e tal.

Retumbante vitória da ciência
e do engenho lusitano sem igual
por ter deste modo encontrado
o instrumento adequado
que explica a sobrevivência nacional
dispensando metafísicas de vez
e a teologia em geral
ao calcular o dobro do quadrado
do déficit orçamental do Estado
e dividindo cuidadosamente o total
pela raiz cúbica do milagre
que faz com que o país ande por cá
embora se admita, tristemente,
com sessenta por cento de invalidez.

Se se descobrir um dia, por azar,
devido à imparável tecnologia,
ter este cálculo pecado por excesso
e que afinal não há a tal muleta
da divina providência
nem sequer da astrologia,

que, juntas, regem a marcha
do nosso pequeno mundo,
então estamos tramados
e sem apelo nem agravo
o país vai mesmo ao fundo...

XXIV

Metamorfose num conto de fadas

Um dia o cata-vento da aldeia
que vivia pendurado lá no alto
por cima do campanário
na forma de um galo de metal
já com ferrugem
fartou-se de girar e mais girar
ao sabor da intempéries e do vento
ora para leste, ora para oeste,
sem que ninguém tivesse um pensamento
um gesto simples de mera gratidão
pela forma como, dia após dia,
em anos sucessivos,
provara o seu talento
cumpridor e mais do que esforçado
de sinaleiro do tempo.

Diz a lenda que perante tais agravos
o bicho fartou-se um belo dia
e num assomo de rebeldia
decidiu mudar de vida:
escorregou pelo mastro da bandeira
foi até à sacristia
e num gesto ímpio à maneira
de um galo desesperado
abriu a porta do sacrário
pegou numa hóstia já benzida
que o padre, míope e distraído,
deixara ali esquecida
fechada no armário

e preparou-se para a engolir
sem confissão nem nada.

Mas a hóstia que estava alerta e acordada
logo ali o informou benevolente
num tom de catequese
de rendilhada forma
que ele tinha o ensejo
por decreto e celestial norma
de pedir um prémio
por tantos e bons leais serviços
antes de atingir a reforma,
ou seja, dispunha do direito a um último desejo
para, como nos contos de fadas,
se transformar naquilo que quisesse.

O galo, que exercera desde sempre
a nobre função de cata-vento
e portanto era, por assim dizer, humano que sofresse
de acentuada deformação profissional,
não hesitou um só momento
e disse: *quero ser homem de verdade
e ir pro parlamento português
e já agora, se escolho o nacional,
é porque gosto de línguas estrangeiras
e quero aprender o parlamentarês.*

A hóstia fez-lhe a vontade
na justa recompensa do alento
demonstrado durante tantos anos
ao ter seguido com honra e desassombro
a direcção patriótica do vento.

E foi assim com mais esta recruta
que o país fez novos passos
na senda imparável do progresso
do nosso inolvidável desenvolvimento...

XXV

Contentamento dos realistas

Há pensadores que pensam com exaltação
(se não pensassem não seriam pensadores)
que o cepticismo consiste em não acreditar em nada
e que sonhar é, da primeira à última instância,
uma teologia surrealista e louca
que vive de cabeça para baixo
como um morcego pendurado
no céu da boca.

O realismo é para eles em cada circunstância
do morno quotidiano terra-a-terra
um pacto com deus ou o diabo
(mesmo que a fé seja nula ou pouca)
que deita abaixo os devaneios
de artistas, poetas e outros malfeitores
parentes de carraças e de pulgas amestradas
que não sabem sequer o que é a verdadeira vida
feita de suor, facturas, recibos, negócios
artes políticas e outras transacções
entre muitas e sempre dignas trapalhadas
que fazem a alma da nação,
quanto mais dar sentenças ou ter opiniões
que prejudicam os legítimos censores
oráculos da governação.

Tais acacianos do contentamento
de gestos comedidos ou espalhafatosos
dedo em riste e espinhaço erecto
para esconder a moleza do intelecto
navegam sem se afogar em torrentes de palavras
que a calúnia reles insinua ser
de patrioteirismo barato
por desaguarem quase sempre em sítios mal cheirosos
coisa, aliás, sem importância porque já não há olfacto.

Dispõem ademais de uma arma infalível
que é um imbatível argumento
na dialéctica ao mais alto nível
a que não se opõe praticamente nada:

nunca por nunca se calar,
e entrar se for preciso à bordoadada
para não ouvir os outros dizer *não*,
e a plenos pulmões sem descanso berrar
as ideias que compraram à socapa
em saldo na feira da ladra
ou aos ciganos no Verão...

XXVI

Consciência nacional

- *Foge cão*
que te fazem barão!
- *Para onde*
se me fazem visconde?

(Adágio popular do século XIX)

Era uma vez um país atrofiado
em espaço e pensamento
que proclamava do mundo uma visão
à escala do seu tamanho
como uma pulga amestrada
empoleirada num cão
convencida que decidia lá do alto
o destino dos homens e o rumo do universo
em cada salto.

Com uma elite de pulgas e piolhos
que cultiva o porreirismo amigo
a nação inteira só tem olhos
mansos para o seu umbigo.
Mas à força de querer tudo sem ser nada
o olhar foi ficando mais tacanho,
e por teimosia viciada
em glórias inimitáveis do antanho
deixou crescer no pátrio seio
um enxame de ideias pequeninas
que deram cabo das grandes
em nome da igualdade
que proíbe aos cidadãos
ultrapassar metro e meio

bitola justamente adequada
à cultura de TV com roupa suja
muita baba e ranho
e escarros de memória sem igual
que uma fada encarquilhada
com mais de oitocentos anos
farta de tanto aturar
por castigo transformou em epicentro
da consciência nacional...

XXVII

Impertinência

É um cão impertinente
vicioso cheira-cus
a fazer o que não deve
que me lembra certa gente
toda junta em alcateia
cuja prosápia só vem
do pouco senso que tem
quando tenta farejar
o rasto da vida alheia...

Mesmo assim o pobre cão
tem bem mais dignidade
pois só cheira um por um
de boa fé sem maldade
ou qualquer maledicência
apreciando o que vê
como bom conhecedor
e espírito assaz cortês
sem outra consequência
do que a nobre arte de ter
um cheirinho de prazer
somente de quando em vez...

XXVIII

Egotismo

Eu! Eu! Eu! Eu!
vocifera a boca palradora
com um não sei quê
sem olhos sem rosto
nem existência corpórea
porque só a boca se ouve
e só a boca se vê.

Minha mulher, minha casa, meu fato
minha carreira, meu cão, meu gato
minha vida, meu destino
meu, meu, meu, meu!
diz ele em desatino,

Lá fora não há dor nem alegria
e nada que se pareça com memória
ou amigos que se possam lembrar

porque o mundo inteiro não revive
nem certamente alguma vez viveu
ou teve opinião ou sequer estória

quando a boca se abre para falar
em tom diverso
e cobre o céu e a terra acabrunhados
com o seu insuperável Eu
maior que o universo...

XXIX

Tourada e carne fresca

*Foi aberta, para grande alegria dos aficionados,
a nobre temporada taurina na reabilitada Praça
de Touros do Campo Grande
(dos jornais, Maio 2006)*

O cavaleiro caracoleava
e na praça a orquestra trovejava
Ta-tchim! Pum! Ta-tchim! Pum!

No seu fato farfalhudo e ondulante
saltitavam pirilampos
pratas, lantejoulas e flores cor de pastel
enquanto a montada sacudia com soberba as crinas
de caracóis entrelaçados
e muitas serpentinas
bamboleando-se toda
ao som dum tango das pampas argentinas
trazido pelo Carlos Gardel.

Nas bancadas a multidão de pé
exigia a presença imediata
do touro
olé! olé! olé!
mata! mata! mata!
espumava a malta.
em tom corajosamente viperino...

Por fim entrou o bicho com ar contrariado
nesta história.
Deu três passos, parou a assobiar
certamente esperançado
que ninguém desse por ele

e fez-se pequenino,
tarefa assaz difícil e inglória

porque em fúria já o povoleu bramia
e o homem vestido à mosqueteiro
também vociferava
insultando-lhe com ardor a mãe
lá do seu poleiro

sem que o bicho, muito admirado,
atinasse um só instante c'ó motivo
de tudo aquilo...

“Isto é uma chatice”
pensou o touro num bocejo.
*“O tipo vem do asilo
e o cavalo é paneleiro”...*

E ficou na mesma pose recatada
até que, de modo traiçoeiro,
o outro dele se abeirou
e com fintas e requebros dançarinos lhe espetou
uma coisa dolorosa na lombada.

“Jesus! Maria!”
gaguejou o touro
vendo com a dor tantas estrelas
em pleno dia
que até lhes sentiu o cheiro.

“Este gajo é maluco ou quê?!
Vou é pastar para outra freguesia...”

Mas logo a seguir, recebeu
nova estocada e outras mais ainda,
e a páginas tantas
parecia um paliteiro

enquanto na tribuna o locutor dizia com maldade
que “*a besta não colaborava*”
e que quando às vezes investia
era sempre de maneira “*pouco franca*”.

“*Vai chamar besta à tua tia
e lamber sabão, oh meu!*”
rosnou o touro em surdina,
“*ainda por cima devo
colaborar e ser franco?!*”

“*Porquê tanto escarcéu?
Acaso fui eu que pedi
para vir até aqui,
meu grande parvalhão,
apanhar porrada daqueles dois
que não conheço nem de Eva nem de Adão,
o maricas do cavalo e o maluco do toureiro?*”

E pensou com nostalgia
em lezírias de cetim, verdes pastagens
saudosas vaquinhas ainda por cobrir
até que já sem forças desistiu
e se deixou cair...

Finalmente a jorrar sangue
amparado por várias enfermeiras
com guizos e chocalhos a tinir
o touro saiu em braços
a caminho do hospital, pensava ele.

Como estamos num país civilizado
de brandíssimos costumes
clima temperado
e sol de ouro,

não se mata na arena
nem uma mosca quanto mais um touro.

Mas quando se fecha a porta do curral
corta-se se for preciso ainda vivo
o desgraçado às postas
fiel à tradição castiça
deste nobre Portugal....

É por isso que por cá a carne é quase sempre fresca
como as meninas casadouras, a fruta e a hortalixa
para honra da gastronomia
e orgulho nacional...

XXX

Ilusões perigosas

O fanatismo exaltado
é o último refúgio dos velhacos

que esperam que o Santo Graal
ou mil virgens sem sal

lhes venham cair nos braços
a tremerem como vimes

nessa homenagem que o vício
julga prestar à virtude,

esquecendo-se que só não muda
a vontade de mudar

que a imortalidade morreu
de uma morte natural

que os defuntos estão fartos
de serem sublimes
em fábulas de embalar

e que os cemitérios estão cheios
de eternidades sem par...

XXXI

Proclamação

Aos fumadores crucificados

Não há clemência
p'ra monstros que fumam!
diz o grande mestre
do seu palanquim.

Não terão perdão
nem multa que chegue
ou sequer prisão

para os castigar
de ter cometido
pecado mortal
em comprar tabaco
e pôr-se a mascar.

Em nome da vida
que mora no céu
pois outra não há
sagrada no mundo
da nossa oração

matemo-los já
duma vez por todas
a tiro, à facada,
a murro, à dentada
sem extrema unção

até que se extinga
a espécie nociva
em alma que viva
de noite ou de dia

para ter enfim
a democracia
nas ruas, nas casas
e em cada jardim
ou espaço privado.

Proclama-se aqui
no tom mais sagrado
do poder legal
do nosso djihad

que os fumadores
são seres renegados
piores que animais

e que um cidadão
modelo moral
armado por lei
com balas de aço
e lanças mortais

tem o dever pátrio
de abater à vista
qualquer cão tihoso
ou vulto sombrio
parado a fumar
sentado ou de pé
na rua ou no átrio

que cheire a tabaco
cigarro, charuto,
cachimbo ou rapé.

Em nome de Deus
todo poderoso
da gente e da grei
proclamo e assino
esta nova lei
cujo grande intento
não salva a saúde
mas dá vitaminas
ao nosso orçamento.

*(Pela Europa Unida
contra os ímpios)*

XXXII

A morte do último fumador

Hoje, 1 de Janeiro de 2020,
a Comissão Europeia está em festa
e as televisões entusiastas rejubilam:

fuzilou-se na praça pública
em transmissão global
o último fumador apanhado
no meio da avenida
cigarro na mão inveterado
e ares de desafio no olhar
provando que a alma foi perdida.

Tanto faz ter ficado ou não provado
que o engenho mortal
estava aceso ou apagado.
Os bons costumes estão salvos
e a Europa mais unida.

Índice